

LITERATURA NATIVA DO QUEBEC DE 1970 A 2022¹

QUEBEC NATIVE LITERATURE FROM 1970 TO 2022

Maurizio Gatti²

Resumo: O presente artigo traça um panorama geral da literatura nativa francófona do Quebec, que atualmente tem se tornado mais difundida. Analisa-se seu nascimento e os obstáculos por ela encontrados ao longo dos anos, com uma afirmação tardia, após os anos 1970, em razão da relação historicamente conflituosa dos povos autóctones com o sistema escolar quebequense, e facilitada pela relativa sedentarização propiciada pela criação das primeiras reservas. Demonstra-se como suas manifestações originais, de cunho mais político e ensaístico, evoluíram para abarcar diversos outros gêneros literários, afirmando-se hoje como espaço de pesquisa e criação estética. Identifica-se os principais temas abordados pelos escritores, suas características e estilo. Aborda-se as dificuldades de publicação e difusão das obras, e diversas limitações que levam os autores a escrever sobretudo em língua francesa e não em suas línguas nativas. Por fim, sublinha-se as conquistas dos escritores nativos nesse percurso histórico, as estratégias de legitimação por eles adotadas e a infraestrutura literária que construíram.

Palavras-chave: Literatura francófona; literatura autóctone; línguas nativas; Canadá; Quebec.

Abstract: This article provides an overview of Quebec's French-speaking native literature, which is currently becoming more widespread. Its birth and the obstacles encountered over the years are analyzed, with a late affirmation, after the 1970s, due to the historically conflicting relationship between the indigenous peoples and the Quebec school system, and facilitated by the relative sedentarization provided by the creation of the first reservations. We demonstrate how its original manifestations, of a more political and essayistic nature, evolved to encompass several other literary genres, asserting itself today as a space for research and aesthetic creation. We identify the main themes addressed by the writers, their characteristics and style. We address the difficulties of publishing and disseminating

¹ O presente artigo foi publicado em língua italiana na revista *Tepee*, Turim, n°62, 2022, p. 24-30, com o título “La letteratura dei Nativi del Québec da An Antane Kapesch a Pierrot Ross Tremblay”. Traduzido do italiano por Iane Poyer. Revisão da tradução por Marco Antonio Francelino de Oliveira.

² Doutor em Literatura quebequense pela Université de Laval – Canadá. Pós-doutorado em um pós-doutorado Literatura quebequense das Primeiras Nações pela Université du Québec à Montréal - Canadá, tendo publicado obras sobre o tema. Atualmente, é pesquisador associado no CIÉRA (Centro Interuniversitário de Estudos e Pesquisas Autóctones) da Universidade Laval no Québec - Canadá. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3777-300X>. E-mail: maugatti15@gmail.com.

the works, and various limitations that lead authors to write mainly in French and not in their native languages. Finally, the achievements of native writers in this historical path are highlighted, as well as the legitimation strategies they adopted and the literary infrastructure they built.

Keywords: French-speaking literature; autochthonous literature; native languages; Canada; Québec.

1 INTRODUÇÃO

A literatura nativa do Quebec está se tornando cada vez mais popular atualmente. Mas como nasceu? Como se desenvolveu? Que obstáculos enfrentou ao longo dos anos? Quais são seus principais temas e características? Como se difundiu? Em que línguas está escrita? Quais são as estratégias de legitimação que foram adotadas pelos escritores? Que infraestruturas literárias eles criaram?

O Quebec é uma província localizada no leste do Canadá. As 10 nações nativas que lá vivem hoje são os Innu (Montagnais), os Wendat (Hurons), os Anishnabe (Algonquin), os Atikamekw, os Wabanaki (Abenaki), os Wolastoqiyik (Malécites), os Eeyouch (Cri), os Kanien 'kehá: ka (Mohawk), o Mi'kmaq (Micmac) e o Naskapi. No extremo norte também se encontram os Inuit.

Quando falamos de literatura "nativa" no Quebec, devemos começar por distinguir literatura "ameríndia" e literatura "inuit", pois são dois fenômenos distintos. Do ponto de vista cultural e linguístico, a diferença entre ameríndios e Inuit, de fato, é semelhante à que existe entre italianos e japoneses. Neste artigo, o termo "nativo" não se referirá aos Inuit, mas apenas aos ameríndios.

Autores nativos do Quebec publicam em vários idiomas nativos, inglês e francês. Neste artigo falaremos principalmente sobre literatura nativa publicada em francês. Mas façamos primeiro um esclarecimento importante.

2 ORALIDADE E ESCRITA

As perguntas que as pessoas costumam fazer quando se trata de escritores nativos são: "Eles realmente escrevem?" "Mas não são povos que pertencem a uma tradição oral?" Portanto, é importante esclarecer desde o início que os nativos, nas Américas, sempre tiveram várias formas de escrita. A escrita é geralmente definida como uma forma de representar palavras e pensamentos através de traços gráficos convencionais destinados a perdurar no tempo. Na América do Norte, por exemplo, existem os *wampum*: tiras semelhantes a cintos largos, feitos de conchas entrelaçadas nos quais estão representados vários desenhos e motivos. São muito antigos, contêm mensagens precisas e ainda hoje são usados pelos nativos como arquivos históricos. Correspondem, portanto, à definição de escrita que encontramos nos dicionários. Existem também outras formas de escrita, como pictogramas e petróglifos, habitualmente usados pelos nativos no passado, assim como o era a escrita alfabética pelos europeus.

Portanto, não devemos pensar que a escrita "alfabética" com caracteres latinos é a única forma de escrita do planeta. É apenas "uma" forma de escrita entre muitas outras. No entanto, é a que os antigos romanos impuseram quando colonizaram muitos povos diferentes, os quais, por sua vez, a impuseram quando esses mesmos povos se tornaram países colonizadores. Tudo impulsionado pela expansão massiva do Cristianismo em todo o mundo. Hoje, portanto, acabamos percebendo a escrita alfabética com caracteres latinos como a única forma de escrita digna desse nome.

Entre os Innu do Québec, por exemplo, o *tshissinuatshitakana*, que significa aproximadamente "bastões que transmitem uma mensagem", era uma forma de escrita usada no passado em áreas de caça que foi simplesmente adaptada às necessidades dos Innu da época. Consistia em bastões de vários comprimentos e tamanhos que, dependendo da forma, inclinação em relação ao

solo e várias outras características codificadas, permitiam às famílias Innu trocar mensagens e informações. Numerosas outras formas de escrita existem na América Central e do Sul.

Portanto, dizer que os nativos da América do Norte provêm exclusivamente de tradições orais é incorreto. É mais correto dizer que eles provêm de culturas onde a oralidade é sem dúvida muito importante, mas onde também existem várias formas de escrita como *wampum*, pictogramas, petróglifos, *tshissinuatshitakana* e assim por diante. Alguns escritores nativos contemporâneos no Quebec, como o wendat Yves Sioui-Durand e a innu Joséphine Bacon, valorizam essa herança ancestral escrita tanto quanto oral.

3 NASCIMENTO E DIFICULDADES DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Dito isto, quando os missionários chegaram à América do Norte eles realmente criaram alfabetos das línguas nativas e muitos nativos também aprenderam a escrita alfabética de sua língua, o francês e o inglês. Há, portanto, cartas, petições e pedidos escritos por nativos já em 1700. Para a publicação, no Quebec, de romances, poemas, contos, novelas e peças de teatro, isto é, dos gêneros literários advindos da Europa em língua francesa, devemos esperar os anos de 1970.

Mas por que esses escritos não nasceram antes dos anos de 1970? Um primeiro elemento explicativo está no fato de que a escolarização sistemática e forçada dos indígenas no Québec começou apenas na década de 1930, com a abertura do primeiro "Colégio para Índios" (*Pensionnat Indien/Residencial School*). Trata-se, portanto, de um evento bastante recente.

Como o governo canadense não conseguiu sedentarizar e integrar os nativos, em sua maioria nômades, decidiu retirar à força as crianças entre 6 e 17 anos de suas famílias para mandá-las para internatos administrados por padres e freiras. Essas instituições eram muitas vezes muito distantes dos locais

de origem das crianças. Seu objetivo era cortar o vínculo entre as crianças, suas famílias e suas origens nativas para torná-los bons pequenos canadenses, educados e civilizados. As crianças, por exemplo, eram proibidas de falar sua língua nativa e praticar suas crenças espirituais, caso contrário seriam punidas e espancadas. A maioria dessas crianças foi vítima de violência física, psicológica e estupro por parte de padres e freiras. Em muitos casos, essa violência durou continuamente dos 6 aos 17 anos. Muitas crianças não sobreviveram a esse tratamento e morreram ou desapareceram no ar sem deixar vestígios.

Uma das consequências desses colégios é que, para muitos nativos, a relação com o sistema escolar quebequense e com a escrita da língua francesa ainda hoje é conflitante. O sucesso escolar, portanto, não é muito alto entre os nativos de hoje. Infelizmente, isso não favorece o surgimento de escritores, pois a ferramenta dos escritores é justamente a linguagem. Eles devem, portanto, dominar muito bem a língua em que escrevem, seja a língua nativa ou o francês.

Outro elemento que explica por que a literatura nativa do Quebec se desenvolveu somente após a década de 1970 é que muitas reservas no Quebec só foram criadas nas décadas de 1950-1960. Isso significa que há apenas 60 anos muitos nativos ainda levavam uma vida seminômade, como caçadores e, portanto, tinham outras prioridades que não escrever romances.

Um gatilho, no entanto, foi a publicação, em 1969, de um projeto de lei do governo canadense que propunha a abolição definitiva da condição jurídica de índio. Do ponto de vista dos nativos, este projeto de lei pretendia assimilar definitiva e legalmente os nativos aos canadenses, cancelar seus direitos ancestrais sobre seus territórios, cancelar os tratados até então firmados e cancelar os compromissos que o governo federal e os governos provinciais tinham firmado com eles até aquele momento. Os nativos, portanto, reagiram a

esse projeto de lei de forma massiva e organizada em todo o Canadá, entre outras coisas através da publicação de livros escritos por eles.

A combinação de todos esses elementos faz com que a literatura não seja, no entanto, uma prioridade para os nativos que, em geral, consideram as reivindicações relacionadas ao território, à política e ao desenvolvimento econômico muito mais urgentes e importantes.

O cri originário do Quebec, Romeo Saganash, certa vez me apontou, em uma conversa, como era exaustivo para os nativos investir seus melhores recursos humanos em lutas políticas e não em arte, literatura ou outras formas de expressão também tão importantes para um povo são.

Às vezes converso com amigos nativos que me perguntam para que serve a literatura. Eles me perguntam por que deveriam investir tempo, energia e dinheiro em literatura ao invés de construir casas, por exemplo, já que é uma necessidade muito mais concreta em suas reservas. Eu respondo que suas dúvidas são legítimas porque é uma pergunta que muitas pessoas em todo o mundo se fazem. Por outro lado, porém, não devemos esquecer que a mensagem de escritores, cantores, diretores e artistas em geral pode ser tão eficaz quanto a política, se não mais.

No Quebec, por exemplo, é graças ao sucesso de compositores nativos como Kashtin, Elisapie Isaac e Samian que o público quebequense é tocado pelas realidades nativas que esses artistas cantam. Quando os líderes nativos publicam comunicados à imprensa com suas reivindicações, nem sempre obtêm o mesmo resultado. Em vez disso, um romance ou uma peça de teatro, com personagens cativantes, intrigas, diálogos e uma história de amor, poderá tocar mais o público. Isso acontece porque os escritores, como outros artistas, têm o poder de chamar a atenção das pessoas para as questões que lhes interessam e são capazes de tocar o público mais profundamente no que concerne à política porque trabalham com as emoções. Este é um dos poderes da literatura. Além

disso, em ditaduras e regimes totalitários, os primeiros a serem silenciados são escritores e artistas, porque se tem consciência da força e eficácia de suas mensagens.

Com o passar do tempo, alguns nativos perceberam isso e começaram a usar essa “ferramenta” que “pode” ser a literatura.

Voltemos então aos anos 1970, período em que os autores começaram a publicar regularmente, dirigindo-se a um público amplo, sobretudo para denunciar sua situação e tentar melhorá-la. Eles queriam que o maior número possível de pessoas conhecesse suas reivindicações, seu ponto de vista e sua versão da história, muito diferente da versão dos historiadores do Quebec. Os autores, portanto, começaram a publicar principalmente ensaios políticos e históricos.

A conveniência de um livro, especialmente quando pensamos na era antes da internet, era que ele podia viajar muito longe. A mensagem que continha podia, portanto, chegar a pessoas que o autor não podia encontrar pessoalmente porque muitas vezes morava em lugares muito isolados.

Na década de 1970, os autores também começaram a publicar lendas tradicionais e biografias, porque sua prioridade era também a de preservar e transmitir sua cultura e conhecimento. Todas as informações foram recolhidas em relatos orais.

Este foi um primeiro passo. Então, gradualmente, nas décadas de 1980 e 1990, os escritores começaram a ir além da história e da política, e do estilo usado nos ensaios históricos e políticos. Foram além da simples transcrição de contos antigos e começaram a publicar também poemas, peças de teatro, contos, novelas e romances. Assim, passaram a usar uma linguagem mais criativa alimentada por sua imaginação. Pode-se dizer, portanto, que a literatura nativa no Quebec nasceu de uma revolta sociopolítica, mas que ao longo do tempo tende a se afirmar como criação e pesquisa estética à medida

que os autores exploram cada vez mais as diferentes possibilidades oferecidas pela escrita "alfabética". Há, por exemplo, poetisas innu que hoje exploram outros gêneros poéticos como o haïku japonês (CANAPÉ; MATHIEU; VOLLANT, 2012).

Há cerca de cinquenta autores que publicam em francês no Québec, tanto mulheres como homens. A maioria tem mais de 40 anos, mas há cada vez mais autores jovens, entre os 20 e os 40 anos, que começam a fazer sucesso. Poucos conseguem dedicar-se integralmente à literatura e publicam regularmente. Como em outras partes do mundo, é realmente difícil ganhar a vida com os livros. Quase todos, portanto, sempre têm outra profissão que lhes permite viver e escrever.

4 TEMAS PRINCIPAIS

Quais são os principais temas que interessam aos autores e que encontramos com mais frequência nas obras? Identidade, questões relativas à mestiçagem, colonização, convivência com os quebequenses, território, relação com a natureza e o meio ambiente, vida tradicional, vida nas reservas e vida na cidade, espiritualidade e onirismo, relação entre jovens e velhos, escolas para crianças nativas, problemas sociais, amizade e ajuda mútua.

Por enquanto, os escritores nativos tendem a lidar principalmente com questões relacionadas aos nativos. É um fenômeno comum na literatura que os escritores comecem escrevendo sobre o que conhecem melhor. Os escritores nativos, portanto, também começam escrevendo coisas relacionadas à sua reserva ou à sua nação de origem. No caso deles, porém, geralmente sentem a necessidade e mesmo a urgência de falar sobre as questões que dizem respeito à sua nação, portanto, sobre as questões ligadas aos nativos. Além disso, no caso deles, muitas vezes os "outros", o "público" espera que um escritor nativo escreva sobre os nativos. E isso pode pressionar alguns autores.

Dito isto, cada vez mais, hoje em dia, há autores escrevendo sobre outras nações nativas, não apenas sobre a sua própria. Alguns autores vão ainda mais longe quando publicam livros que nada têm a ver com os nativos, como a escritora innu Julie D. Kurtness.

Hoje há, portanto, autores que querem ser considerados antes de tudo como "escritores" e eventualmente só mais tarde como "escritores nativos". Há outros que desejam ser reconhecidos como "escritores nativos".

A esse respeito, deve-se dizer que, na maioria das vezes, os escritores nativos estão lidando com um duplo julgamento de suas obras. O julgamento da instituição literária dominante que os afeta mais no nível profissional, mas também o julgamento dos leitores nativos que, embora ainda sejam poucos, os afeta no nível emocional e tem muita importância para eles. Os escritores são, portanto, muitas vezes confrontados com a pergunta: "Para quem estou escrevendo? Para o meu povo ou para os Quebequenses? Ou para os dois ao mesmo tempo?"

Outro detalhe interessante sobre a temática é que, principalmente entre as décadas de 1970 e 2000, os escritores falavam principalmente sobre o passado. Hoje muitos falam cada vez mais sobre o futuro e por isso começaram a escrever, por exemplo, romances de ficção científica. Além disso, hoje os escritores lidam com temas muito variados e universais que não dizem respeito apenas aos nativos como, por exemplo, o erotismo.

5 TRAÇOS QUE CARACTERIZAM AS OBRAS

A escrita dos autores é muitas vezes imbuída da cultura ancestral e da oralidade em que está profundamente enraizada. Os cenários do norte do país e o imaginário que está ligado a eles envolvem o leitor e o transportam para o universo criado pelo autor.

Tomemos, por exemplo, o romance histórico *La Saga des Béothuks* do escritor de origem anishnabe e cris Bernard Assiniwi. A primeira parte desse romance é a aventura iniciática de um jovem Beothuk nativo da ilha de Terra Nova. O narrador nos mergulha na ação junto com os personagens. O leitor entende apenas no final desta primeira parte do romance que a iniciação do jovem Béothuk era na verdade o conto de um contador de histórias Béothuk tradicional. Assiniwi, portanto, dá ao leitor a ilusão de participar de eventos no exato momento em que ocorrem, mas na realidade essas aventuras já eram lenda há séculos. Assim, Assiniwi permite ao leitor testemunhar a forma como os acontecimentos humanos podem tornar-se uma lenda e permite-lhe estar dentro da própria lenda. Essa é uma das formas de integrar a oralidade na escrita e na própria estrutura de um romance. Não basta inserir muito diálogo para fazer isso.

O teatro oferece mais um bom exemplo da forte presença da cultura ancestral e da oralidade nas criações contemporâneas. Em algumas obras, como *Le porteur des peines du monde*, do autor wendat Yves Sioui-Durand, a performance teatral no palco lembra muito a performance de contadores de histórias e xamãs tradicionais.

Alguns autores, como a wabanaki Christine Sioui-Wawanoloath, inventam o que podemos chamar de “lendas contemporâneas”. Inspiram-se em lendas tradicionais, mas criam novas lendas baseadas em sua própria imaginação.

Por sua vez, o autor innu André Dudemaine ritualiza os contos tradicionais. De fato, em suas novelas contemporâneas ele usa um personagem tradicional chamado Tshakapesh. Este último, através de suas aventuras em contos tradicionais, sempre mostrou aos Innu como viver na realidade do passado. Dudemaine mantém as características fundamentais de Tshakapesh, ou seja, sua astúcia e seu senso de humor, mas o catapulta em um contexto

contemporâneo. Assim, Tshakapesh encontra-se hoje em Montreal ou na cidade de Québec, onde conhece várias personalidades do mundo de hoje. Isso lhe permite, como nos contos da tradição oral, viver novas aventuras engraçadas que continuam a ensinar aos Innu de hoje como agir em relação à realidade atual.

A personagem de Tshakapesh permite-nos ainda sublinhar que, nas obras de autores nativos, o sofrimento, a dor e a raiva, que estão muito presentes, são sempre acompanhados de muita ironia e humor.

Dissemos que o universo de referência ao qual o leitor tem acesso nas obras dos escritores nativos é original, mas também o ponto de vista e o olhar nativo são diferentes daqueles dos autores quebequenses que escrevem sobre os nativos. Basta ler os romances da escritora innu Naomi Fontaine para entender completamente essa diferença.

6 ESTILO

Do ponto de vista estilístico, muitas vezes a linguagem dos autores é simples, clara e imediata. À primeira vista ingênua, segundo alguns, mas na realidade muito mais complexa. Como exemplo, vamos ler este poema da poetisa innu Joséphine Bacon:

*Je me suis faite belle
pour qu'on remarque
la moelle de me os,
survivante d'un récit
qu'on ne raconte pas.
(BACON, 2009, p. 82).*

À primeira leitura parece um poema curto e simples. No entanto, se conhecermos a importância do tutano de caribu na cultura innu e se pensarmos em qual é esta história que não pode ser contada, poderemos refletir sobre o motivo pelo qual a poetisa decidiu se embelezar. Podemos nos perguntar por que ela escreveu "para que se perceba" e não "para que se veja a medula dos meus ossos". A imagem torna-se assim muito mais ampla e podemos fazer uma análise literária do poema que revela várias facetas e vários níveis de leitura.

Em geral, o estilo dos autores é direto e incisivo. Eu chamo isso de instintivo ou intuitivo. Muitas vezes é uma escrita que não é muito cerebral ou abstrata, mas sim sensual e prática. A primeira coletânea de poemas do poeta wendat Jean Sioui, *Le Pas de l'Indien. Pensées wendates*, é um excelente exemplo disso.

É claro, porém, que também há autores de estilo mais hermético, como a poetisa innu Marie-Andréé Gill. Além disso, quando querem, os autores desenvolvem uma linguagem erudita e sofisticada como, por exemplo, o poeta wendat Louis-Karl Picard-Siouï ou o poeta innu Pierrot Ross-Tremblay.

Para resumir, poderíamos simplesmente dizer que os autores nativos escrevem sua maneira de ver o mundo hoje e que compartilham essa visão com os leitores por meio dos livros.

7 DIVULGAÇÃO DOS TRABALHOS

Apesar da existência desta literatura desde a década de 1970, da sua riqueza e diversidade, só agora começa a ser conhecida. Uma das principais razões para esse desconhecimento tem sido a dificuldade dos leitores em obter informações sobre o assunto e conseguir obter os livros. Estes últimos foram por muito tempo publicados às custas do autor ou em publicações que circulavam apenas dentro da reserva. Portanto, eles não eram encontrados em livrarias e bibliotecas. Também foram publicados por pequenas editoras que

não garantiam distribuição em larga escala e que não o reimprimiram quando esgotado. Assim, o público em geral, incluindo os nativos, não estava ciente nem mesmo da existência dessa literatura até recentemente.

Outra dificuldade reside no fato de que as relações com as grandes editoras do Quebec e a inserção no circuito literário da sociedade dominante nem sempre foram fáceis. Em primeiro lugar, a forte concorrência no mercado editorial sempre dificultou muito a publicação. A isso provavelmente se somou a inexperiência de alguns autores que enviaram manuscritos talvez ainda não prontos ou bem corrigidos. Além disso, o desconhecimento de alguns editores em relação às realidades nativas provavelmente levou alguns deles, no passado, a rejeitar manuscritos que não correspondiam à ideia que tinham do que um nativo “deveria” escrever. Portanto, vários autores abandonaram seu projeto de publicação após uma primeira recusa ou decidiram publicar seus livros por conta própria.

Outro elemento que não tem favorecido a circulação dessas obras é que os cursos de literatura nas universidades e escolas de ensino médio quebequenses geralmente se concentram na literatura quebequense, ou se interessam por outras literaturas do mundo, mas ainda não o suficiente na literatura nativa. No entanto, isso vem mudando nos últimos anos. Em breve veremos como. Mas primeiro vamos falar sobre o uso da língua.

8 A LÍNGUA

Autores que falam e escrevem em sua língua nativa tentam publicar o máximo possível nessa língua. Quando o fazem, no entanto, enfrentam inúmeros desafios.

Para começar, as línguas nativas são moldadas pela oralidade e são usadas há milênios para se referir a realidades específicas de sociedades nômades e seminômades. Elas são, portanto, construídas em conformidade com

estas realidades. Embora os missionários tenham criado alfabetos escritos de línguas nativas assim que chegaram à América do Norte, seu objetivo principal era traduzir a Bíblia e não oferecer uma nova ferramenta criativa aos escritores nativos.

Mesmo se as línguas nativas continuaram a evoluir e a se adaptar após o contato com as línguas europeias, só recentemente os linguistas nativos estão forjando sistematicamente todos os novos termos para se referir a realidades, conceitos e palavras que antes não existiam nas línguas nativas, como por exemplo "computador", "literatura" e "poesia".

Depois, há a delicada questão da padronização da ortografia das línguas nativas, a qual não é consenso nem mesmo dentro de uma mesma nação. Muitos Innu no Québec, por exemplo, ainda consideram hoje que ter apenas uma maneira de escrever innu para todas as reservas significa sacrificar as diferenças dialetais que existem entre essas reservas. Embora isso seja verdade, por um lado, não facilita o nascimento e o desenvolvimento da literatura escrita em innu, por outro.

Muitos escritores escrevem então em francês porque frequentaram a escola em francês. Eles então aprenderam a ler e escrever principalmente em francês. Embora falem sua língua fluentemente, muitos deles não conseguem escrevê-la bem. Além disso, os nativos que leem bem em sua língua não são numerosos. Se um autor publica em sua língua nativa, ele já sabe que terá menos leitores do que se publicasse em francês.

Alguns autores, como An Antane-Kapesh, cientes de todas essas questões, decidiram publicar em edições bilíngue de forma a oferecer a possibilidade de leitura tanto na língua nativa quanto em francês. A este respeito, percebe-se que hoje há cada vez mais literatura infantil circulando principalmente em línguas maternas e em edições trilíngues: língua materna, francês e inglês.

Escrever em francês torna-se, portanto, uma necessidade se os escritores nativos também querem ser lidos pelo público quebequense e pelo público francófono internacional, mas também, não esqueçamos, se eles querem ser lidos por nativos de outra nação que não a sua. Se um autor cri publica no alfabeto silábico cri, ele só pode ser lido pelos Cri que leem o alfabeto silábico. Se ele quiser ser lido por todos, será obrigado a publicar também em inglês ou francês.

Esclareço que não estou dizendo que é melhor escrever em francês ou inglês. Estou apenas tentando mostrar os desafios linguísticos que os autores estão enfrentando.

O que acontece com mais frequência é que, mesmo escrevendo em francês, os autores usam inúmeras palavras, frases ou expressões em sua língua para representar uma realidade nativa específica ou para recriar uma atmosfera que apenas certas expressões na língua nativa podem transmitir. Entre os autores nativos do Québec, encontramos hoje tanta variedade e riqueza no uso da linguagem e das línguas quanto em outras literaturas ao redor do mundo.

9 ESTRATÉGIAS DE LEGITIMAÇÃO E INFRAESTRUTURAS LITERÁRIAS

Após os anos 2000, os escritores nativos adotaram várias estratégias de legitimação, construindo gradativamente uma infraestrutura literária que permitiu que sua literatura crescesse cada vez mais rápido e solidamente.

O surgimento da internet no final da década de 1990 foi o primeiro elemento a fazer uma grande diferença. Autores nativos rapidamente usaram a internet para circular de forma rápida e eficaz seus títulos pelo mundo. De fato, a partir da internet, os autores começaram a ser conhecidos e convidados para eventos literários tanto no Québec quanto no exterior.

A partir dos anos 2000, alguns autores começaram a publicar com editoras de prestígio que garantiram sua presença nas principais feiras de livros no Quebec e no exterior. Dessa forma, eles começaram a entrar no circuito literário internacional. Isso estimulou a publicação de várias antologias de literatura nativa e de várias revistas acadêmicas dedicadas à literatura nativa do Quebec. A partir do momento em que as informações sobre os autores e sua literatura se tornaram mais acessíveis e foram sendo mais divulgadas, o público rapidamente começou a se interessar por elas.

O crescente sucesso dos autores permitiu, portanto, que a literatura começasse a se tornar mais popular mesmo dentro das reservas, levando novos autores a publicar.

O trabalho incansável de alguns autores chegou a levar o *Conseil des Arts du Canada*, em 2005, a abrir seus programas de subvenções também para nativos francófonos, até então excluídos em favor dos nativos anglófonos. Isso permitiu a formação profissional de novos autores e a publicação de novos trabalhos.

Gradualmente, a mídia, os críticos literários e os escritores de ensaios literários começaram a se interessar cada vez mais pelos autores nativos. O que não acontecia até o final da década de 1990. Agora, porém, assim que um novo livro sai, ele é imediatamente revisado e artigos são publicados em jornais, revistas literárias e coletâneas de ensaios críticos.

Ao longo dos anos, escritores receberam prêmios literários de prestígio. Há, portanto, um reconhecimento oficial gradual das instituições literárias da sociedade dominante. Além disso, escritores nativos e escritores quebequenses também começaram a colaborar e publicar livros escritos juntos.

Para dar ainda mais visibilidade aos autores, em 2009 foi inaugurada a livraria Hannenorak, a primeira livraria, no Quebec, dirigida por nativos e especializada em literatura nativa. Ela está localizada na reserva Wendake,

perto da cidade de Quebec. Nesta mesma reserva, a editora Hannenorak foi fundada no ano seguinte, também administrada por nativos. Desde a sua criação, publica regularmente numerosos autores nativos e está em constante expansão. A livraria Hannenorak também é uma das fundadoras, em 2011, da primeira feira do livro nativo do Quebec, que favoreceu muito a difusão de obras e autores.

Em 2015, os organizadores da feira do livro nativo também criaram uma organização nativa chamada Kwahiatonhk, que tem como única missão promover autores nativos e suas obras. Kwahiatonhk, por exemplo, oferece uma bibliografia muito abrangente de autores nativos em seu site que é facilmente acessível a partir de qualquer país do mundo.

A combinação desses elementos tem impulsionado cada vez mais professores a ensinar autores nativos em escolas de ensino médio e universidades no Quebec e no exterior, permitindo que eles ingressem no ensino escolar e acadêmico. Ler e estudar escritores nativos no Quebec está se tornando cada vez mais "normal" hoje. É importante ressaltar que, na década de 1990, ler e estudar escritores nativos no Quebec não era considerado normal.

Embora os escritores nativos estejam começando a ser ensinados nas escolas e universidades do Québec, os nativos acharam certo fundar, em 2011, o Instituto Kiuna: a primeira faculdade nativa de educação pré-universitária no Quebec dirigida por nativos após o fechamento forçado do Collège Manitou em 1976. Oferece cursos, inclusive de literatura, onde o conteúdo e o ponto de vista são nativos.

Para resumir e concluir, embora seja muito cedo para periodizar a história da literatura nativa francófona no Québec, já há tendências aparecendo. De 1970 a 1980 poderíamos falar dos primórdios, dos autores pioneiros. De 1980 a 2000 poderíamos falar de exploração e difusão progressiva. Dos anos 2000 até agora, testemunhamos a explosão e o sucesso crescente dos escritores.

REFERÊNCIAS

- ANTANE-KAPESH, An. *Eukuan nin matshimanitu Innu-iskueu / Je suis une maudite Sauvagesse*. Montréal: Leméac, 1976.
- ASSINIWI, Bernard. *La Saga des Béothuks*. Arles: Babel, 1999.
- BACON, Joséphine. *Bâtons à message / Tshissinuatshtakana*. Montréal: Mémoire d'encrier, 2009.
- CANAPÉ, Louise; MATHIEU, Louve; VOLLANT, Jeanne-D'arc. *S'agripper aux fleurs: haïkus*. Ottawa: Les Éditions David, 2012.
- DUDEMAINE, André. Tshakapesh au Café Chez Jacques. *Terres en vues*, Montreal, vol. 3, n. 4, p. 14-15, 1995.
- FONTAINE, Naomi. *Kuessipan / À toi*. Montréal: Mémoire d'encrier, 2011.
- GILL, Marie-Andrée. *Béante*. Chicoutimi: La Peuplade, 2015.
- KURTNESS, Julie D. *De vengeance*. Longueuil: L'instant même, 2017.
- PICARD-SIOUI, Louis-Karl. *De la paix en jachère*. Wendake: Hannenorak, 2012.
- ROSS-TREMBLAY, Pierrot. *Nipimanitu / L'esprit de l'eau*. Sudbury: Prise de parole, 2018.
- SIOUI, Jean. *Le pas de l'indien: pensées wendates*. Québec: Le Loup de Gouttière, 1997.
- SIOUI-DURAND, Yves. *Le porteur des peines du monde*. Montréal: Leméac, 1992.
- SIOUI-WAWANOLOATH, Christine. *Tsoutare': sept histoires contemporaines*. Wendake: Hannenorak, 2019.

Recebido em 01/12/2022,

Aceito em 15/02/2023.